

# DIÁLOGOS HEMISFÉRICOS: A FRONTEIRA NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

(Notícia do livro de Robert Wegner)

Iris KANTOR

Entre nós, parece ser consenso que a obra de SBH é “obra de pensamento”, no sentido atribuído por Claude Lefort<sup>1</sup>. De *Raízes do Brasil* (1936) até os seus últimos escritos, publicados em 1991 (*Capítulos de Literatura Colonial*), a obra de Sérgio Buarque de Holanda se desdobra em múltiplos planos, como uma partitura musical, na qual a articulação dos vários instrumentos permitem uma dada coesão sonora.

O trabalho de Robert Wegner - *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda* (UFMG, 2001) - é sobretudo um convite à reflexão sobre os diálogos travados entre a historiografia brasileira e o pensamento sociológico e historiográfico norte-americano. Apresentado originalmente como tese de doutoramento no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o livro busca dar uma nova interpretação às obras produzidas nas décadas de 40 e 50, fase em que o historiador transitava do ensaísmo sociológico para a pesquisa histórica mais sistemática. Essa passagem coincidiu com sua vinda para São Paulo, quando deu início à atividade de pesquisador no Museu Paulista (dirigido por Affonso Taunay naquele momento) e começou a lecionar na cadeira de história econômica da Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1946.

---

<sup>(1)</sup> Claude Lefort. *As formas da história*, trad. Luis Roberto Salinas e Marilena de Souza Chauí, Sao Paulo, Brasiliense, 1979.

A investigação de Wegner dá lugar a um verdadeiro devassamento conceitual das obras *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1958). O autor procura reconstituir a originalidade de seu pensamento no âmbito das polêmicas sobre a “herança ibérica” e o problema da modernização, temas que galvanizavam os historiadores latino-americanos (S. Zavala, Belaúnde) e anglo-saxões (Bolton, C. Sanfobrd, G. Williams, Lewis Hanke) desde a Grande Guerra Mundial. Assim, a produção historiográfica ganha nova compreensão quando inserida num quadro de polêmicas internacionais sobre o iberismo e o americanismo.

Partindo da análise de *Raízes do Brasil*, Wegner vislumbra a mutação operada entre a perspectiva defendida neste livro - em que predominaria uma visão genética dos contatos civilizacionais de matriz teutônica - e as obras da fase subsequente, nas quais o historiador teria se apropriado da “teoria da fronteira” para a estabelecer novas possibilidades interpretativas do conceito cunhado por Frederick Jackson Turner em 1893 (em que o teórico se contrapunha às explicações genéticas, inspirando-se nas teorias pragmáticas de Dewey e William James).

Robert Wegner refaz os primeiros contatos de SBH com a sociologia norte-americana em sua viagem de 1941, contextualiza a recepção crítica da teoria de Turner nos círculos intelectuais dos USA; e, finalmente, discute o interesse dos acadêmicos norte-americanos pela história comum entre as duas Américas, naquele momento específico do pós-guerra.

O centro de sua tese reside na rotação de perspectiva sobre a ação colonizadora portuguesa nos trópicos, transformação que teria se beneficiado dos contatos com a sociologia e a historiografia norte-americana nas décadas de 40 e 50. Não se trata de uma mera importação de idéias. Ao contrário, a revisão de sua obra de estréia permitiu, simultaneamente, uma resposta crítica direcionada ao público interno (brasileiro) e externo (norte-americano e europeu). De um lado, havia que mostrar a relevância da experiência histórica comum nas Américas para um público acadêmico que tendia a contrapor os valores norte-americanos ao comunismo, e, por outro, era preciso acentuar as nossas diferenças em relação à experiência norte-americana sem, no entanto, resvalar para uma visão depreciativa do legado ibérico (invocando a reatualização, por exemplo, da Legenda Negra).

Robert Wegner acompanha a forma pela qual o historiador contrastou, matizou e elaborou a noção de “situação de fronteira” na experiência histórica brasileira mediante o confronto com a experiência dos Estados Unidos: diferenças de duração e intensidade dos contatos com o nativo, miscigenação e aculturação de dupla mão, recursos tecnológicos, disponibilidade de terras e controle das fronteiras são alguns dos itens que o autor destaca. De fato, no Brasil não teria ocorrido uma experiência de fronteira no sentido turneriano: aqui, a aventura monçoeira não teria forjado homens com espírito de ferro, mas uma humanidade com a consistência do couro, amoldada as circunstâncias, adaptável as contingências da sobrevivência num meio hostil. Entretanto, Sérgio Buarque de Holanda recupera o que há de melhor na intuição de Turner, ou seja: pensar a fronteira não como realidade geográfica ou geopolítica, mas como forma societária, uma sociedade em movimento... na trilha fecunda de Capistrano de Abreu.

Sem reduzir o legado ibérico a experiência de atraso, mas, ao contrário, mostrando como o iberismo foi dinamizado pela americanização, experiência que transformaria a América num “outro Ocidente”. Logo após seu retorno dos Estados Unidos (1941), negando qualquer forma de panamericanismo, afirmava que as comparações tinham “uma função precípua, a de explicar em nós, americanos de estilo latino, o culto acendrado das virtudes contrárias, de que desejaríamos deter o privilégio. Nossa confiança em nós mesmos necessita dessas muletas para não se abalar, como um Ariel que necessitasse de Caliban para nele ter sua justificação.”<sup>2</sup> Sérgio Buarque, ao inverter as escalas de valores, operava como Montaigne no ensaio *Dos Canibais*.

O trabalho de Robert Wegner reconfigura o xadrez intelectual no qual o historiador esteve inserido, permitindo uma leitura mais complexa de suas afinidades teóricas com os autores alemães, italianos e portugueses. A obra de pensamento de Sérgio Buarque de Holanda se apresenta como um filtro crítico, inspirando uma atitude de desconfiança afável, antídoto contra as análises redutoras da experiência histórica brasileira.

---

<sup>(2)</sup> Considerações sobre o americanismo, São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 23-27.